

Julián Carrón
HÁ ESPERANÇA?
O fascínio da descoberta

CAPÍTULO 3
O IMPREVISÍVEL SOBRESSALTO

O presente, com os seus safanões, pôs a descoberto aspetos da vida que tínhamos dado por adquiridos. «É assim que se comportam os factos. Rebentam qualquer bolha de presunção, fazem em pedaços as teorias, destroem as convicções». ¹ Para muitos, tornou-se de repente urgente, ainda que só por alguns momentos, aquela exigência de um significado último, diante da vida e da morte, que nunca conseguimos controlar totalmente. Muitas evidências, não é uma novidade, colapsaram, já não fazem, à partida, parte da nossa bagagem cultural. E se, como dizia Morin, a incerteza é a marca do nosso tempo, esta aumentou ainda mais com a pandemia, pela sua gravidade e persistência. Tornou-se difícil, qualquer que seja a posição de onde partimos, ficarmos presos ao que já sabemos, confiarmos com inércia na ilusão de ter a vida nas mãos. Mas talvez seja, paradoxalmente, um facilitador ver desfazerem-se em bocados certas presunções nossas, empedernidas, verificar o começo de uma brecha no muro das nossas seguranças. É o que canta Leonard Cohen: «Há uma brecha em todas as coisas / É assim que entra a luz». ²

1. «Um imprevisto é a única esperança. Mas dizem-me que é uma tolice dizê-lo»

O duelo recomeça todas as manhãs. Cada um de nós consegue ver isso ao acordar, quando se dispõe a enfrentar a viagem do dia cheio de uma espera de realização. É um drama eficazmente descrito numa poesia de Montale, *Antes da viagem*.

«Antes da viagem perscrutam-se os horários,
as correspondências, as paragens, as dormidas
e as reservas (de quantos quartos com banho
ou duche, de uma cama ou duas, ou mesmo um *flat*);
consultam-se
guias Hachette e guias dos museus,
trocam-se valores, cambiam-se
francos por escudos, rublos por copeques;
antes da viagem informa-se
algum amigo ou parente, controlam-se
malas e passaportes, completa-se
o vestuário, compra-se uma recarga
de lâminas de barba, dá-se eventualmente
uma olhadela ao testamento, pura
superstição, já que os desastres aéreos
em percentagem são hoje nada:

antes

da viagem está-se tranquilo, mas com a suspeita
de que a sabedoria é não nos movermos, e de que o prazer
de regressar tem afinal um custo exagerado.
E depois parte-se e tudo está OK e tudo

¹ I.B. Singer, *Nemici. Una storia d'amore*, Adelphi, Milano 2018, pp. 145-146.

² «There is a crack, a crack in everything / That's how the light gets in» («Anthem», letra e música de Leonard Cohen do álbum *The Future*, 1992, Columbia Records).

vai pelo melhor, e é inútil.

.....
E agora o que será
a *minha* viagem?

Com excessivo cuidado a venho eu estudando
sem dela saber nada. Um imprevisto
é a única esperança. Mas dizem-me
que é tolice dizê-lo».³

Podemos preparar tudo para enfrentar a viagem da vida, de cada dia, de cada hora, com os respetivos apontamentos. Porém, ainda antes de saber como irá correr, podemos confessar a nós mesmos: «Tudo vai pelo melhor, e é inútil». Por mais inconscientes ou distraídos, temos o pressentimento da dimensão da nossa espera e estamos antecipadamente certos de que todos os nossos preparativos não servem para cumprir o objetivo, não serão capazes de nos dar aquilo que esperamos, de cumprir a espera com que nos levantamos de manhã ou com que começamos a viagem. A experiência que já vivemos ensinou-nos isto. Percebemos então o quanto é verdade que «um imprevisto é a única esperança»: tem de acontecer alguma coisa que não está prevista nos nossos planos, que ultrapassa os nossos preparativos, as nossas projeções. «Só aquilo que nos chega de fora, gratuitamente, de surpresa, como um dom do acaso, sem que o tenhamos procurado, é que é alegria pura. Paralelamente, o bem real só pode vir de fora, nunca do nosso esforço. Não podemos, em caso algum, fabricar alguma coisa que seja melhor do que nós».⁴

Que esse imprevisto possa acontecer representa o culminar da espera humana. «Mas dizem-me / que é tolice dizê-lo», conclui Montale. Se, por um lado, ele proclama esse imprevisto – como «a única esperança» –, por outro lado nega a sua possibilidade. Os “sábios”, com efeito, declaram que é uma coisa de crianças, só para pessoas *naif*, para ingénuos, pensar que aquele imprevisto possa realmente acontecer. Também nós, tantas vezes, somos vítimas desta tentação e assentimos: «Sim, é uma tolice dizê-lo». Mas será verdade? Se desafiamos a frase submetendo a razão à experiência, damo-nos conta de que a única verdadeira tolice é restringir o real ao horizonte estreito do nosso «já sabido», pensar que já sabemos tudo, condenando os seus limites ao possível e, portanto, não esperar nada.

«Tenho a sensação», diz Michel Houellebecq pela boca do atormentado protagonista do seu último romance, «de que mesmo quando mergulhamos na verdadeira noite, na noite polar, naquela que dura seis meses seguidos, persiste o conceito ou a recordação do sol. Eu tinha entrado numa *noite sem fim*, e no entanto persistia, no mais fundo de mim persistia alguma coisa, muito mais pequena do que uma esperança, digamos uma incerteza. Poder-se-ia até dizer que nalgumas pessoas [...] mesmo quando pessoalmente perderam o jogo, quando jogaram a última carta, persiste a ideia de que *alguma coisa no céu* voltará a controlar a situação [...] e isto acontece mesmo quando nunca nos apercebemos, em nenhum momento da nossa vida, nem da intervenção, nem da presença de uma divindade qualquer, mesmo quando estamos conscientes de não merecermos especialmente a intervenção duma divindade favorável, e mesmo quando nos damos conta, considerando o acumular de erros e de culpas que constitui a nossa vida, que o merecemos menos do que qualquer outra pessoa».⁵

A única verdadeira tolice é negar a possibilidade do acontecimento. Giussani fala, a propósito disto, dum autêntico «crime contra a suprema categoria da razão, a categoria da possibilidade».⁶ Apesar da posição cética parecer a mais razoável, trata-se na realidade de um crime contra a razão. Ninguém pode afirmar – isso sim, seria uma tolice – que conhece tudo, que domina tudo, que pode prever tudo o que pode acontecer, excluindo assim a possibilidade que aconteça o imprevisto de que fala Montale. A categoria da possibilidade pertence à própria natureza da razão. Por isso, a única

³ E. Montale, «Antes da viagem», tradução de David Mourão-Ferreira, <https://viciodapoesia.com/2012/08/01/antes-da-viagem-poema-de-eugenio-montale-1896-1981/>

⁴ S. Weil, *L'ombra e la grazia*, Bompiani, Milão 2002, p. 85.

⁵ M. Houellebecq, *Serotonina*, La nave di Teseo, Milão 2019, pp. 288-289.

⁶ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 44.

posição verdadeiramente razoável é deixar aberta a possibilidade. Não só no início, mas sempre, agora, em qualquer momento da vida.

Deixar aberta a possibilidade de que aconteça alguma coisa que ultrapasse as nossas capacidades de previsão não é renunciar à razão, mas viver a fundo a razão, segundo a sua natureza e o seu ímpeto original: janela aberta sobre a realidade e não medida. O ceticismo preventivo em relação a tudo aquilo que supera a nossa medida é um bloqueio da razão, não o seu culminar, e diz-nos mais respeito do que aquilo que pensamos, entra em nós quase sem nos apercebermos disso.⁷

Escreve-me um jovem meu amigo: «Quería contar-te rapidamente como vivi este último período, depois de ter lido a pergunta destes Exercícios: “Há esperança?”. A canção que melhor descreve estes meses é *Amare ancora* do Chieffo: “Mas que amargura, meu amor, / ver as coisas como eu as vejo”. Descubro que não tenho a mesma frescura que tinha nos meus primeiros anos de universidade, não tenho a mesma simplicidade no olhar: o ceticismo que invade o mundo invade-me também a mim. Dou por mim, muitas vezes, com uma grande resistência em dizer que é Deus que me dá as coisas e que estas são um dom. Olho para uma paisagem lindíssima e vejo em mim uma suspeita subtil sobre a experiência de correspondência que vivo diante daquele beleza. É uma suspeita que me faz mal, me provoca uma grande tristeza: que *amargura* ver as coisas desta maneira! Tenho esta amargura porque fui testemunha e protagonista doutro modo de olhar para a realidade: a música que estudo, o céu, o mar, as montanhas, as árvores, tudo era reconhecido como sinal de Alguém que me prefere, que me afirma como ser único, exclusivo e irrepitível em todo o universo. Experimento o mesmo ceticismo, com imensa dor, também em relação a Cristo, Àquele que, no entanto, reconheci presente nesta companhia. Prossegue a canção: “Bastaria apenas voltar a ser criança e recordar... / [...] que tudo é dado, / que tudo é novo e libertado”. Isto foi o que eu vivi nos meus primeiros anos de experiência do CLU [os universitários de Comunhão e Libertação], e foi verdadeiramente o paraíso na terra». Por isso pergunta: «Há esperança de que eu possa voltar a ser como uma criança, a olhar como dantes? É possível reeducar este olhar que se corrompeu?».

Há um ceticismo que nos invade e, com ele, uma suspeita que arruína qualquer ponto de beleza que se mostre no nosso caminho.⁸ A sombra que essa suspeita projeta sobre tudo quanto de belo aparece diante dos nossos olhos é como uma maldição. E das entranhas da tristeza que daí decorre, surge a pergunta: «Há esperança de que eu possa voltar a ser como uma criança, a olhar para as coisas como dantes? É possível reeducar este olhar que se corrompeu?». É a mesma pergunta do velho escriba Nicodemos, doutor da lei: «Como pode um homem nascer, sendo velho?».⁹ Que graça poder repeti-la numa forma não retórica – como mais uma citação, quase para cobrir a nossa indigência com um punhado de cultura –, surpreendendo-o enquanto jorra do íntimo de nós mesmos em toda a sua verdade! «Como é que se pode nascer sendo velho?».

Encontramos muitas vezes em nós uma falta de disponibilidade, de abertura à possibilidade, uma facilidade em fechar, em barrar a porta ao que acontece. Escreve uma universitária: «Nos meses que precederam a segunda vaga, quantos momentos desperdicei! Parecia-me que nada tinha a ver comigo. Depois, no mês de novembro, aconteceram tantas coisas que abriram uma brecha. Acima de tudo, testei positivo para o Covid e portanto começou o meu isolamento de vinte e cinco dias no meu quarto. Paradoxalmente, foi o momento em que me senti mais acompanhada, seja por rostos queridos, seja por rostos novos. Precisamente durante o mês de isolamento, envolvi-me na organização das eleições na universidade e foram dias muito intensos. A companhia que me fizeram no mês de novembro foi verdadeiramente uma coisa excepcional para mim, mais ainda se pensar nas circunstâncias particulares em que tudo aconteceu. Durante os últimos dias da quarentena, foram também os meus anos: ainda

⁷ Observa Vassili Grossman, pela boca da personagem do seu grande romance: «Começo a ter a sensação de que não restou nada dos homens, a não ser a suspeita» (V. Grossman, *Vida e destino*, Jaca Book, Milão 1998, p. 317).

⁸ Sublinha Daniélou: «É este o drama humano do homem de hoje. Hoje vivemos no universo da desconfiança, num mundo no qual fomos vítimas de tantos enganos que já não acreditamos na palavra verdadeira, e um mundo assim é assustador» (J. Daniélou, *La cultura tradita dagli intellettuali*, Rusconi, Milão 1974, pp. 28-29).

⁹ «Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode entrar no ventre de sua mãe outra vez, e nascer?» (Jo 3,4).

na condição de total isolamento e afastamento dos amigos e da família, tive a possibilidade de voltar a ver sobre mim um amor enorme e gratuito da parte de todos aqueles rostos especiais, que, de forma criativo, me acompanharam durante todo o dia. Sinto-me verdadeiramente grata e sortuda. Azurmendi¹⁰ encontrou o Movimento através da rádio, eu, por meu turno, fui repescada quando estava sozinha no meu quarto através das chamadas de Zoom e das eleições. Será que me era necessário o Covid para voltar a viver as coisas? Na verdade, não há nada de previsível e vulgar na modalidade com que o Mistério nos alcança. Então, a questão fundamental, digo eu, é pedirmos para estarmos disponíveis. Mas é precisamente isso que me parece dramático e, quanto mais o nada assalta os meus dias, mais dificuldade tenho em o fazer».

Darmo-nos conta do quão fundamental é esta abertura, esta disponibilidade, é já um grande passo. Muitas vezes parece-nos pouco permanecermos abertos, disponíveis, no entanto é essa a questão fundamental, tanto que Jesus diz: «Felizes os pobres em espírito, porque [só] deles é o Reino do Céu».¹¹ Quer dizer: é preciso que aquilo que pode colmatar a espera do coração encontre em nós a abertura, a disponibilidade para o deixar entrar, a «brecha» através da qual pode introduzir-se a sua luz.¹²

Parece-nos impossível, dizia eu. Mas se acontecesse? Se o encontrássemos? Se viesse procurar-nos? Se, como escreveu Manuel Vilas, no *El País*, «caísse a beleza do céu para todos os homens e mulheres deste planeta»?¹³ Se acontecesse o imprevisto, seria ainda necessária uma diponibilidade última, uma lealdade, que está intimamente ligada ao exercício da razão e que não é nunca, de maneira alguma, óbvia. «“Razoável” designa aquele que submete a sua razão à experiência»¹⁴ – é uma frase de Jean Guitton que não me cansarei nunca de repetir, de tão decisiva é para viver –. Quando acontece alguma coisa de imprevisto, cada um verifica – põe à prova – a sua própria disponibilidade para submeter a razão à experiência. Essa disponibilidade é um gesto de maturidade que o homem só alcança depois dum longo caminho, se não tiver um coração de criança.¹⁵

Podem ser muitas as situações em que nos apercebemos da atitude que temos. «Sou enfermeira no bloco operatório e em novembro fui literalmente atirada para os cuidados intensivos do Covid. Pensava que estava à altura, dado o desejo de ajudar que tinha. Nada de mais errado! A realidade que encontrei era duma dureza que eu não conseguia suportar, tudo aquilo que eu era e pensava ser, todas as certezas eram depedaçadas quando ultrapassava o umbral daquele serviço. Comecei a pensar que não era capaz e pedi para me mudarem de serviço. Mas para as perguntas que ferem é necessária uma resposta, não uma mudança de circunstâncias, por isso elas continuavam ali. Regressando então às enfermarias de Covid, dei-me conta de que, acima de tudo, havia colegas muito jovens, contratados devido à emergência, que tinham um gosto pelo trabalho e uma paixão que me espantava e reanimava em mim a vontade e o desejo de estar ali. É preciso haver alguém a quem seguir, que tenha bem estampada no rosto uma esperança. É preciso haver alguém que reabra o horizonte».

¹⁰ Mikel Azurmendi, antropólogo e filósofo basco, na sua longa carreira confrontou-se com alguns dos temas mais prementes da sociedade moderna como a imigração, o nacionalismo, o jihadismo e o valor público da experiência religiosa. Dedicou ao seu encontro com Comunhão e Libertação o livro *El abrazo. Hacia una cultura del encuentro / O abraço. Rumo a uma cultura do encontro*, publicado em Espanha pela Editorial Almuzara em 2018 e em Itália pela BUR-Rizzoli em 2020. [Ver aqui](#), p. **.

¹¹ Mt 5,3.

¹² A este respeito, escreve Lewis: «Não é com um esforço moral sincero que podemos fornecer a nós mesmos novas motivações; como rapidamente nos apercebemos depois dos primeiros passos na vida cristã, tudo aquilo que é verdadeiramente necessário para as nossas almas só pode ser realizado por Deus [...]. Nós, quando muito, podemos permitir que tudo isto seja realizado em nós» (C.S. Lewis, *Scusi, qual è il suo Dio?*, GBU, Roma 1981, p. 190).

¹³ M. Vilas, «La poesía», *El País*, 29 de dezembro de 2020.

¹⁴ J. Guitton, *Arte nuova di pensare*, Edizioni Paoline, Roma 1981, p. 71.

¹⁵ Observa Lewis: «Cristo nunca quis dizer que devíamos permanecer como crianças no que diz respeito à *inteligência*, como, pelo contrário, nos disse não só para sermos “simples como as pombas” mas também “prudentes como as serpentes”. Ele quer um coração de criança, mas uma cabeça de adulto» (C.S. Lewis, *Scusi, qual è il suo Dio?*, op. cit., p. 92).

2. Há quem afirme que o imprevisto aconteceu

«Encontrámos o Messias».¹⁶ É a notícia que atravessa a história: aquilo que o nosso coração espera tornou-se presente, o imprevisto de que falava Montale aconteceu, num lugar e num tempo. Esta notícia percorre a história desde o dia em que João e André encontraram Jesus de Nazaré nas margens do Jordão, há pouco mais de dois mil anos.

Nós, que fomos alcançados por esta notícia, encontramos-nos diante do problema da sua fiabilidade: Jesus de Nazaré é verdadeiramente aquele que diz ser? É verdadeiramente Deus feito homem? Consideremos, de facto, o conteúdo do anúncio. O que teria acontecido? Que o termo incógnito da nossa espera, o infinito que o nosso coração almeja, o «sem limites», se tornou homem, se fez presente: «O Verbo fez-se carne».¹⁷

Os nossos calendários são ainda definidos de acordo com a data daquele facto, daquele acontecimento. Estamos no ano de 2021 *depois de* Cristo. Mas não basta a mera transmissão verbal da notícia para a tornar credível aos nossos olhos; não nos pode bastar encontrá-la escrita em qualquer livro de religião ou de história e todos os anos no calendário. De que modo é que o conteúdo que traz é verificável? Quem vem ao mundo no dia seguinte, ou dois mil anos depois – é a mesma coisa – do Seu desaparecimento do horizonte terreno, «como pode ser capaz de perceber se Ele responde à verdade que diz ser?».¹⁸

Começamos por dizer que, uma vez que aconteceu na história como facto, tem de ser identificável como facto também hoje para ser reconhecido como o cumprimento da nossa espera. Devem ser respeitadas as conotações originais do anúncio cristão: «Um divino que se fez homem»,¹⁹ um homem que se podia encontrar pelo caminho, uma presença integralmente humana, que implica o método do encontro.

Se há dois mil anos foi um facto que realizou a aspiração infinita do homem, hoje não podem ser os discursos ou as regras; nem nos pode bastar ler a sua história num livro, por mais importante que seja. O coração do homem não mudou, a exigência de plenitude permaneceu igual e só um facto lhe pode corresponder. Como a vacina para o Covid: tem de ser uma coisa real, ao alcance de todos, para podermos verificar a sua eficácia. Não nos basta saber que já foi encontrada, cada um terá de poder vê-la, tocar-lhe, surpreender em si os seus efeitos positivos.

Aquele «facto» de há dois mil anos deve ser, portanto, identificável por nós hoje como o foi para os primeiros que encontraram Jesus. Mas como é que esta presença pode ser encontrada por ti e por mim, pelo homem de hoje, dois mil anos depois? Que rosto tem, que fisionomia tem? «Jesus Cristo, aquele homem de há dois mil anos, esconde-se, torna-se presente, sob a roupagem, sob o aspeto duma humanidade diferente. O encontro, o impacto, é com uma humanidade diferente: é a experiência de uma humanidade diferente que nos supreende, porque corresponde mais às exigências estruturais do coração do que qualquer modalidade do nosso pensamento ou da nossa fantasia. Não estávamos à espera disso, nunca o teríamos sonhado, era impossível, não se pode encontrar noutra lado».²⁰

Como aconteceu a Mikel Azurmendi, que, enquanto estava no hospital em estado grave, embateu nalguma coisa que trazia em si uma diversidade humana, uma tônica nova, em relação a tudo o que lhe tinha acontecido antes: ouviu na rádio um jornalista que revelava um modo de ajuizar os acontecimentos diferente do dos outros e, finalmente, reconheceu-o como correspondente; saindo do hospital, encontrou outra pessoa da mesma companhia, que o olhou dum modo tão humano que o fez experimentar uma correspondência única à sua experiência elementar; e depois outra, e ainda outra,

¹⁶ Jo 1,41.

¹⁷ Jo 1,14.

¹⁸ L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Verbo, Lisboa 2004, p. 17.

¹⁹ *Ibidem*, p. 29.

²⁰ L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, Bur, Milão 2020, p. 201.

e viu que todas estas pessoas tinham a mesma tónica, o mesmo olhar, estavam no real duma forma diferente, mais humana; e isto atraía-o, enchendo-o de admiração e desafiando-o profundamente.²¹

É uma dinâmica que pode, aliás, deve, acontecer também a quem já teve um determinado encontro e vive no caldo duma experiência como a cristã; caso contrário, depois do encontro, cai no ceticismo de Montale.

Escreve-me um jovem universitário: «Até há poucos dias, parecia que a minha vida tinha perdido o brilho: começava a murchar. Um dia, o meu pai recebe um telefonema do trabalho em que dizem para fazer isolamento a título preventivo depois do contato com um cliente positivo assintomático. Dois dias depois, o resultado dá positivo, ficamos todos em quarentena. Na semana seguinte, afastado o perigo, sigo em frente quase que por inércia. Nem sequer tenho forças para falar com nenhum amigo, porque para mim, na vida em casa, não há espaço para aquilo a que tu chamas acontecimento. Passados alguns dias, farto deste contínuo flutuar, procuro com todas as minhas forças lançar-me às coisas para fazer (ajudar a minha mãe em casa, cozinhar para a família) para encontrar alguma centelha de vida verdadeira, mas nada, aliás, o meu limite afunda-me cada vez mais. Então, atiro-me aos livros. Passa o tempo, vejo as horas, são 18.30, e lembro-me que hoje é o encontro dos universitários contigo. Tenho dois minutos de hesitação: “Vou - não vou”, e por fim ligo-me. A certa altura, oiço alguém dizer: “Depois da experiência de plenitude vivida durante as eleições universitárias, que além de tudo se encerraram com um resultado inesperado e muito satisfatório, senti um estranho mal-estar. Como é que faço para viver ainda aquela experiência de plenitude, agora que voltei às dificuldades mais quotidianas?”. E tu comesças a responder: “Os assuntos que nos deixam um estranho mal-estar são decisivos...”. Alguma coisa salta, e fico o resto do encontro colado ao computador, esperando por outras palavras que me restituam a vida. Fecho o Zoom. Volto à “vida real”. Janto, levanto a mesa, fico um bocado diante da televisão, parece tudo normal, porém, quando vou para a cama, não consigo dormir, volto a pensar naquilo que disseste e, pondo de parte o meu orgulho, ponho-me a rezar duma forma tão humana que só de pensar nisso agora ainda me comove. No dia seguinte, já não sou eu! Encontro em mim uma serenidade “absurda” e esta, misteriosamente, transmite-se ao modo de tratar a minha família, de cozinhar e de estudar com uma alegria inimaginável. E pensar que eu nem sequer me queria ligar! Estou transbordante de gratidão. Que coisa que é viver assim!».

Nós só podemos reconhecer a verdade da notícia que chega hoje até nós embatendo num acontecimento de humanidade nova e experimentando a mudança que esta gera em nós: uma «serenidade “absurda”» – o adjetivo com que os jovens de hoje qualificam qualquer coisa de surpreendentemente grande –, uma «alegria inimaginável», porque o homem não a consegue dar a si mesmo sozinho. Trata-se, escreve Cabasilas, de uma «vida nova, porque não tem nada de comum com a antiga, melhor do que pode sequer ser concebido, porque, embora sendo própria da natureza humana, é vida de Deus».²²

3. Irredutibilidade do facto cristão

Olhemos melhor para a natureza deste «facto» que gera uma humanidade nova. Todos nós estamos imersos numa história que veicula, muito ou pouco, a notícia do cristianismo, provocando reações diversas. Estou ainda a pensar no Azurmendi. Antropólogo e sociólogo renomado, sabia o que era o cristianismo, conhecia a sua doutrina, a moral, os valores, mas não foi este seu conhecimento que lhe despertou o interesse pelo cristianismo quando era já idoso. Pelo contrário, tinha-se afastado há anos, tinha posto uma pedra sobre esse assunto, como se costuma dizer. O que é que fez saltar nele a centelha, há alguns anos, a ponto de acender uma curiosidade e um desejo de descobrir novamente o

²¹ Cf. J. Carrón, *Vês só aquilo que admiras*, Jornada de início de ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação. Por vídeo conferência, *clonline.org*, 26 de setembro de 2020.

²² N. Cabasilas, *La vita in Cristo*, op.cit., p. 126.

que é o cristianismo, derrubando o muro que os conhecimentos anteriores tinham construído? O que é que desafiou a sua posição, o seu enquadramento? Um «facto» que se revelou irreduzível às suas explicações de estudioso e de homem, que ele não conseguiu encaixar nas categorias com as quais, até àquele momento, tinha olhado para a realidade, incluindo o cristianismo.

Era um «facto» que não podia ser interpretado, englobado no seu posicionamento geral, que não podia ser explicado pelo quadro concetual que utilizava, pelos seus esquemas de pensamento. Azurmendi não conseguiu «interpretar» – isto é, reconduzir, englobando-o – num dos seus conceitos, das suas abstrações universais, como diz Giussani,²³ o facto representado por aquele programa radiofónico – e depois pelos outros encontros que aconteceram quando saiu do hospital –, precisamente pela diversidade que trazia em si. A sua diversidade era tal que ele foi conquistado por ela: foi atraído por aquele facto, ficou curioso, ligou-se a ele, surpreendeu-se preso. E isto introduziu em si um conhecimento novo, uma forma nova de tratar tudo, regenerou-o. Tornou-se mais ele mesmo. Como dizia o amigo que citei antes: «No dia seguinte já não era eu!», ou seja, era mais ele mesmo.

Nem tudo pode ser encaixado nos conceitos consolidados, nos esquemas em que estamos habituados a englobar aquilo que acontece. Há factos que não se deixam reduzir, que carregam em si qualquer coisa que contesta, que rompe, que ultrapassa o quadro conceptual disponível. Estes «factos», já o dissemos muitas vezes, são «pessoas, ou momentos de pessoas»²⁴ que trazem em si uma novidade, uma verdade humana profundamente desejável, sem comparação, que parece impossível: São Paulo fala por isso de «criatura nova». «Ser um homem novo significa ser alguém que, durante toda a sua vida, anuncia, através daquilo que já está presente em si, Aquele que vem».²⁵ Quem embate e se deixa atrair por aqueles factos, por aquelas pessoas, começa a experimentar em si a mesma novidade no modo de viver a realidade, e é o primeiro a surpreender-se com ela: «Que coisa que é viver assim!».

«Caro Julián, nos últimos seis meses aconteceu uma coisa que marcou profundamente a minha forma de estar diante de tudo: o nada de que tanto falamos entrou brutalmente na minha vida. Num dia qualquer de junho, chegou a notícia de que o namorado da minha irmã, inesperadamente, tinha tirado a sua própria vida. Foram dias de grande dor e perturbação. Fiquei em casa com a minha irmã, para lhe fazer companhia. Era evidente que nenhum tipo de discurso, religioso ou não, poderia salvar-nos do drama que este facto tinha provocado em nós, abrindo uma ferida que sangrava constantemente: o que é que resiste, para mim, hoje? O que quer dizer, agora, que Cristo venceu a morte há dois mil anos? O que significa que a morte não é a última palavra sobre todas as coisas, sobretudo diante de alguém que a escolhe? Como é que a vida pode ser mais vida? Como é que posso viver agora o cêntuplo já aqui?». Tudo o que lhe foi comunicado, como promessa do cristianismo, treme diante do abanão: mas isto é tudo verdade? «E a minha irmã? Em suma, há esperança? Tive de reconhecer que, desde logo, aos poucos, a companhia de alguns amigos começou a fazer crescer a consciência de que Cristo se fez carne por mim, para que eu possa experimentar a intimidade e a concretude da relação com Ele. Experimentei aquilo que escreveste n’*O brilho dos olhos*: “Cristo é uma presença contemporânea. Dar-mo-nos conta disso implica a mesma experiência de há dois mil anos [...], ou seja, o impacto com uma presença de humanidade diferente, que desperta um pressentimento novo de vida, que nos impressiona porque corresponde como nenhuma outra coisa à sede estrutural de sentido e de plenitude que há em nós. Trata-se, também hoje, da experiência de um encontro no qual, [...] ‘se encerra todo o significado, [...] tudo o que é desejável, todo o gosto, toda a beleza, tudo o que é amável’”. Cristo estava a vencer em mim, em todas as minhas feridas e objeções em relação a estes meses, com a Sua contemporaneidade, que naqueles dias passava através dos traços humanos daqueles amigos. O Seu olhar gerava em mim a esperança de que nada se perdesse daquela

²³ «A mentalidade comum [...] para ajuizar, tende sempre a interpretar os pontos concretos no seio de um universo abstrato» (L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 83).

²⁴ L. Giussani, Manifesto da Páscoa 1992; o texto completo do Manifesto pascal encontra-se em L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, Bur, Milão 2014, p. 366.

²⁵ P. Evdokimov, *L’amore folle di Dio*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2015, p. 69.

vida aparentemente deitada fora, do facto de ela se ter cruzado com a da minha irmã e com a minha. Não digo isto porque sou uma louca, mas porque é esta a minha experiência: para mim é impossível separar a pergunta “Há esperança?” da Sua carne presente aqui e agora».

A criatura nova é o fruto deste acontecimento. O acontecimento inicial, vemo-lo vibrar hoje no sujeito novo que ele gera. Vamos mais uma vez às palavras de Giussani: a criatura nova tem «uma capacidade de conhecer o real diferente da dos outros». Esta «nasce da adesão a um conhecimento, do *affectus* a um acontecimento ao qual se está ligado, ao qual se diz sim. Este acontecimento é um ponto concreto na história: tem uma pretensão universal, mas é um ponto concreto. Pensar partindo de um acontecimento significa, antes de mais, aceitar que eu não defino aquele acontecimento, mas antes sou definido por ele. É nele que vem ao de cima aquilo que eu realmente sou e a conceção do mundo que eu tenho. Isto desafia a mentalidade comum, que, para ajuizar, tende sempre a interpretar os pontos concretos no seio de um universo abstrato».²⁶

A novidade que o acontecimento introduz na vida é também a verificação, a demonstração da verdade do encontro inicial. Com efeito, como é que eu posso saber se a circunstância concreta em que embati é o acontecimento de Cristo hoje? Se ela demonstra – como nos testemunhos que acabamos de citar – a sua «pretensão universal», a sua capacidade de iluminar cada circunstância ou situação, até a mais perturbadora: a morte.

«Dou-me conta, com cada vez maior espanto, que a esperança tem como origem o contínuo recontar de uma presença irreduzível e totalmente correspondente ao coração. Apercebi-me de que me foram dados factos que me sustentam, e que não posso reduzir à bondade ou ao temperamento de alguém. No início de dezembro, um grande amigo meu entrou para o convento: a humanidade plena e enamorada da vida que ele me testemunhou, a certeza de ter encontrado Deus e, graças a este amor, de “ter já tudo” – tanto que pôde deixar tudo, “para que nada se perca” – continuam a ser um ponto de não retorno para os meus dias. Só com o facto de estar no convento, e com a sua forma de vida, lembra-me com força que a resposta total à espera do meu coração existe e a posso encontrar. É uma ajuda enorme à memória: entro nos dias e nas coisas com uma espera premente, que me faz viver em diálogo com tudo. Mas que ligação é que existe entre a sua presença “totalmente conquistada” e a esperança? Há alguns meses, um amigo meu descobriu que tinha ELA (*esclerose lateral amiotrófica, nt.*). No drama desta circunstância, não consigo esquecer-me da sua cara que – continuamente – chega à noite e me diz: “Também esta noite, graças ao que vi e ao que aconteceu, vou para a cama contente e grato: o Senhor está a cumprir a Sua promessa”. A doença piora cada vez mais e ele está grato: o que é que sustenta a possibilidade de felicidade total do seu coração, mesmo vivendo a circunstância de não poder fazer absolutamente nada? Eu não vejo aquilo que ele vê, mas vejo-o a ele, que me é dado. No fim do ano, propus a alguns jovens com quem partilho a experiência dos escoteiros para fazermos um serão sobre o primeiro capítulo d’*O sentido religioso*, com o desejo de lhes entregar o instrumento que estou a descobrir como sendo o de maior ajuda para viver, o coração. Quando, no final de dezembro, lhes pedi para partilharem a coisa mais bonita do ano (e, num ano de Covid, havia a possibilidade de ouvi falar só de dificuldades, negatividade e dor), uma delas disse: “Sempre que se fala, numa reunião ou num encontro com alguém, do coração, pergunto-me: mas será que eu oiço o meu coração? Consigo segui-lo? É a descoberta mais preciosa deste ano!”. Quando, há poucas semanas, fecharam a escola – eu sou professor –, na frustração inicial surgiu em mim uma pergunta: não será que me é dada novamente a ocasião de aprender a amar aqueles alunos que hoje estão aqui, e amanhã já não estarão? Com esta interrogação, fui à Missa e comovi-me quando me dei conta que mesmo numa zona vermelha, mesmo com a escola fechada, Cristo continua a dar-se a mim. “O meu coração está alegre porque Tu, Cristo, vives”: eis a esperança! Onde é que vive? Na presença impossível, mas real do amigo no convento, no rosto alegre do amigo que caminha ao encontro do seu destino na doença, no Movimento que me gera, permitindo que eu me dê conta de tudo isto ao ponto de apostar no coração de jovens “à mercê” do mundo. Quantos factos vejo, todos os dias, que me levam a fazer a experiência da correspondência e me recordam que Cristo está vivo e é tudo! Só

²⁶ L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 83.

isto me sustenta. Há poucos dias, por causa do gesto de “caritativa” em que participo, levei o cabaz a uma família. Ofereceram-me um café; tendo presentes todos estes factos, decidi, pela primeira vez, ficar. Na sala, à devida distância, estava toda a família. Uma das filhas olhava para mim, em silêncio, e via-se que tinha lá dentro uma pergunta: “Por que é que estás aqui? Por que é que te interessamos?”. Quando Cristo habita o coração, a realidade – mesmo a que nos é estranha – torna-se uma casa habitável. Agradeço de joelhos ao Movimento por ser guardião deste olhar humanamente vivo e cheio de esperança: porque é Ele, presente, que se faz carne na minha vida».

Para desafiar a mentalidade comum, o «facto» não precisa de ser uma coisa clamorosa. A força do facto, daquela circunstância, não depende do seu sensacionalismo. Pode até ser apenas um sopro, mas é um sopro no qual existe uma diversidade que magnetiza. A sua força, a sua unicidade, reside na diversidade que traz consigo. Azurmendi identificou-a muitíssimo bem no jornalista que falava na rádio. Para referir este facto, num diálogo em 1980 com Giovanni Testori, Giussani falava de pessoas que são «presenças».²⁷

Somos muitas vezes testemunhas de factos como os descritos, mas não raramente, em vez de os seguirmos com simplicidade, como fez Azurmendi, integramo-los no nosso sistema de pensamento, no já sabido. E portanto, não nos dizem nada de novo. Podemos pertencer à história cristã, onde se veem muitos destes factos, e continuarmos a reduzir o cristianismo a ética, a rito ou a estereótipos tomados do imaginário comum. Nenhuma destas reduções, no entanto, é capaz de suscitar esperança.

No momento em que o cristianismo acontece como acontecimento e é acolhido, damo-nos conta da diversidade que introduz na vida. Quem participa no cristianismo como acontecimento, desmascara qualquer imagem redutora deste. Aconteceu à jovem amiga que me escreve: «Há alguns dias, aconteceu uma coisa que me ajudou a perceber aquilo que aconteceu na minha vida. Estava a falar com a minha mãe sobre o Natal e a dada altura ela diz-me, a brincar, que no fundo quer acreditar que o Pai Natal existe, porque precisa de pensar que há uma figura que traga esperança, um rosto no qual pensar e do qual dizer: “Ele pode tudo, nele deponho a esperança de que tudo vai correr bem”. Este comentário da minha mãe fez-me perceber a preferência de que fui objeto ao encontrar o Movimento. A minha mãe é uma mulher crente, vai à missa todos os domingos, e no entanto, deposita a sua esperança no Pai Natal, porque para ela é um rosto definido, concreto! Foi para mim a prova de que às vezes Deus é reduzido a uma coisa abstrata, a uma ideia. Eu, pelo contrário, encontro Deus todos os dias, está presente e posso reconhecê-lo graças à pertença a uma história. Tê-lo descoberto no encontro com esta história particular fez nascer em mim a esperança».

O embate em presenças irreduzíveis liberta-nos da condenação de sucumbir às imagens que vamos buscar à mentalidade comum. Só estas presenças trazem dentro de si, enraizado nas suas entranhas, o fundamento da esperança.

«“Há esperança?”. É uma pergunta que nos encosta à parede. Num tempo como este (estudo Medicina e a situação de saúde toca-me ainda mais de perto) só se pode responder com frases teóricas por pouco tempo. No fim do dia, as perguntas tiram-nos o sono e as forças. Tem de ser por força uma resposta verdadeira, que resista à dramaticidade dos dias, caso contrário, a resposta teórica só torna tudo mais pesado [acaba por aumentar o niilismo, acrescento eu]. Procurando responder à pergunta: “Há esperança diante da doença do meu pai?”, a única coisa que me permite responder é olhar para o meu pai. Há esperança diante desta pandemia? A coisa que me vem imediatamente à cabeça [parece um “sopro”] são os olhos entusiasmados de uma amiga, que nas dificuldades do trabalho no hospital não recua. E por aí fora, peneirando todas as situações em que sinto dificuldades, a única coisa que me permite dizer que há alguma esperança são alguns rostos para quem esta esperança existe. Aqui, porém, o drama adensa-se, não se acalma: vendo-os, vem-me uma grande vontade de ser como eles e de poder estar diante da vida com os mesmos olhos que eles [como aconteceu a Azurmendi, que dizia a si mesmo: “Como eu gostaria de olhar para o mundo como este jornalista olha!”], mas dou-

²⁷ «Eu não consigo encontrar outro índice de esperança senão a multiplicação destas pessoas que são presença. A multiplicação destas pessoas; e uma inevitável simpatia [...] entre estas pessoas» (L. Giussani - G. Testori, *Il senso della nascita*, Bur, Milão 2013, p. 116).

me conta de que não pode ser um esforço meu, caso contrário, no final do dia, só iria para a cama cansada de contar cada sucesso ou falhanço [seria como reduzir novamente tudo a ética]. Então pergunto-me: “Para que é que isto me serve?”. Todos os dias me surpreendo com alguém que vive com verdade, que me atrai e me põe em movimento porque me faz invejar o seu modo de olhar para as mesmas coisas das quais eu já estou farta logo às oito da manhã. Esta atração, na maioria das vezes, apaga-se duas horas depois, mas às vezes faz-me entrar em campo. Pergunto-me, portanto: basta segui-los? Basta ficar em relação com estas presenças reais que constelam os meus dias e pelas quais eu me sinto, nem que seja só por um instante, incluída com todas as minhas dificuldades e todos os meus dramas?»

A resposta a esta questão coloca um problema de liberdade. Diante de presenças que trazem dentro de si o fundamento da esperança, cada um deve, acima de tudo, decidir se segue o desejo de ser como elas e de estar na companhia delas, ou não.

4. A experiência e os critérios do coração

Mas como reconhecer estas presenças por aquilo que são, por aquilo que trazem, pelo seu verdadeiro valor, até à origem da sua diversidade? É uma questão que nos diz respeito e que não foi poupada nem sequer aos apóstolos. Aliás, foram precisamente eles os primeiros a ter de a enfrentar.

Quando a presença de Jesus começou a impor-se e a sua fama a espalhar-se, pelas coisas que dizia e fazia, começaram também a circular as diversas interpretações da sua figura, com a colaboração daqueles que se sentiam ameaçados no seu poder, na sua “autoridade”, ou seja, os escribas, os fariseus, os intelectuais e os dirigentes do povo. Como é que os primeiros que foram atrás dele conseguiram perceber que valia a pena seguir aquele homem, ligarem-se a Ele, apostarem toda a sua vida n’Ele?

Como reconhecer, entre tantos rostos humanos semelhantes, o rosto? Que critério podemos utilizar? Já devia ser-nos familiar, devíamos tê-lo aprendido da experiência. O único critério adequado para reconhecer as presenças que trazem um significado adequado à vida é aquele com que a natureza nos projeta na comparação universal com tudo aquilo que encontramos: o coração, isto é, aquele conjunto de evidências e exigências – de verdade, beleza, justiça, felicidade – que surgem em nós quando estamos empenhados naquilo que experimentamos. «Na experiência, a realidade [...] pela qual [...] tu és tocado, chocado (*affectus*)», diz Giussani, «faz-te deitar cá para fora os critérios do coração, desperta-te o coração, que antes estava confuso e dormia, por isso desperta-te a ti próprio. Aí começa o teu caminho, porque estás desperto, crítico».²⁸

São critérios objetivos e infalíveis que agem em nós, apesar de nós, e não nos dão tréguas. Como Pavese demonstra de forma dramática. A 14 de julho de 1950, depois de ter recebido o Prémio Strega, escreve: «Regressado de Roma, há bocado. Em Roma, apoteose. E então?».²⁹ Era como se se tivesse verificado aquilo que ele próprio tinha anotado muitos anos antes no seu diário: «Há uma coisa mais triste do que falhar os nossos ideais: ter conseguido».³⁰ Menos de um ano antes da sua morte, confessa: «Quantas vezes, nestas últimas notas, escreveste *E depois?* Começamos a estar enjaulados, não?».³¹ A 22 de junho de 1950, diante da notícia do grande sucesso, tinha, com efeito, escrito: «É uma bênção, Sem dúvida. Mas quantas vezes a gozarei ainda? E depois?».³² O que é que faltava à sua vida tão conseguida aos olhos do mundo? A 17 de agosto de 1950: «Não importam os nomes. São outra coisa que não nomes do acaso, nomes casuais – se não aqueles, outros? O facto é que agora sei

²⁸ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Bur, Milão 2011, p. 83.

²⁹ C. Pavese, «14 luglio 1950», in Id., *Il mestiere di vivere*, op. cit., p. 360.

³⁰ C. Pavese, «18 dicembre 1937», in *Ibidem*, p. 66.

³¹ C. Pavese, «16 ottobre 1949», in *Ibidem*, p. 340.

³² C. Pavese, «22 giugno 1950», in *Ibidem*, p. 360.

qual é o meu maior triunfo – e a este triunfo falta a carne, falta o sangue, falta a vida».³³ Sob o peso daquela falta, dez anos depois tiraria a sua própria vida!

Camus anota uma experiência semelhante nos seus *Cadernos* no dia do grande êxito: «17 de outubro. Nobel. Estranha sensação de abatimento e de melancolia».³⁴

Não podemos fugir dos critérios constitutivos do coração, da exigência de significado, de justiça, de felicidade, de amor. Podemos, até certo ponto, calá-los ou censurá-los, mas não conseguimos extirpá-los. São intrínsecos à experiência. Giussani denuncia a dificuldade que temos em reconhecer que «o princípio do juízo sobre a experiência encontra-se na própria experiência». Mas, sublinha, «se não fosse verdade que os princípios com os quais ajuizar a nossa experiência se encontram na própria experiência, o homem seria um alienado, porque teria de depender de outrém para se julgar a si».³⁵ Estas exigências não nascem naquilo que uma pessoa experimenta, «mas nascem nela diante daquilo que experimenta, nela empenhada naquilo que experimenta»,³⁶ e ajuízam aquilo que ela experimenta.

O critério para ajuizar deve ser «imaneente à estrutura originária da pessoa»: trata-se do «critério objetivo com que a natureza lança o homem na universal comparação, dotando-o daquele núcleo de esixências originais, da experiência elementar de que todas as mães dotam - do *mesmo* modo - os filhos. Só aqui, nesta identidade da mais profunda consciência, é que a anarquia pode ser superada»,³⁷ do subjetivismo.

Não se pode falar de experiência, como às vezes somos tentados a fazer, identificando-a com a mera prova de uma coisa qualquer. «A categoria da *experiência* por nós usada tem um valor absolutamente crítico», afirma Giussani. Esta não é entendida como um «imediatismo sentimental», mas como «o lugar onde o impacto com a realidade provoca as exigências constitutivas do coração do homem, desenvolvendo a busca de uma resposta às provocações colocadas pela realidade». Daqui a consequência: «A *experiência* é, portanto, o âmbito em que a pessoa é chamada a verificar se o facto de Cristo – a verdadeira, grande hipótese de trabalho – é capaz de responder às perguntas despertadas, com uma autenticidade e uma completude, na visão dos fatores, que todas as outras propostas não têm». E logo a seguir acrescenta: «O CL, por isso, apresenta-se unicamente como uma vontade de redescobrir e viver dum modo mais autêntico o facto de que a fé cristã, tal como foi conservada no casulo da ortodoxia, responde melhor do que qualquer outra proposta às exigências profundas do homem».³⁸

É por isso que o verdadeiro desastre de hoje é o enfraquecimento da consciência de tais exigências, o ofuscar da consciência da própria identidade. Cristo, com efeito, veio responder aos homens, não a «seres murchos como robôs». Como escreve – já citei a frase – Reinhold Niebuhr: «Nada é tão absurdo como a resposta a uma pergunta que não se faz». Aqui está, então, «o único objetivo de CL»: o de «testemunhar a razoabilidade da fé, a fé como *razoável observância*, onde por razoável se entende – segundo a conceção de São Tomás – a experiência duma correspondência entre a proposta da fé e as exigências estruturais da consciência humana».³⁹

A diferença do acontecimento cristão está toda na experiência que gera. O facto do encontro com Jesus provoca nos discípulos a experiência de uma correspondência sem comparação: «Encontrámos o Messias». Todos os outros acontecimentos favoráveis, que ainda assim desejamos que aconteçam na vida, incluindo os êxitos que conseguimos obter, não satisfazem a espera, não mantêm a promessa, são, afinal de contas, fonte de um profundo desapontamento. Diante deles, também nós nos reconhecemos na reação de Pavese: «E então?».

Voltemos ao ponto. A experiência em sentido verdadeiro, como lugar de conhecimento e de verificação, não pode ser identificada com uma simples impressão subjetiva ou com uma reação

³³ C. Pavese, «17 agosto 1950», in *Ibidem*, p. 362.

³⁴ A. Camus, *Taccuini. 1951-1959*, III, Bompiani, Milão 1992, p. 223.

³⁵ L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 83-84.

³⁶ *Ibidem*, p. 82.

³⁷ L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., pp. 18, 22.

³⁸ L. Giussani, «Il ragionevole ossequio della fede», entrevista de A. Metalli, *30Giorni*, n. 5, 1988, pp. 40-41.

³⁹ *Ivi*.

sentimental. A experiência é uma «unidade de acto vital resultante de três factores: a) *O encontro* com um facto objectivo [...] independente da pessoa que vive a experiência [...]. b) O poder de perceber adequadamente o significado desse encontro [...]. c) A *consciência da correspondência* entre o significado do Facto em que embatemos e o significado da existência [...]. É a consciência desta correspondência que verifica esse crescimento de si próprio, que é essencial ao fenómeno da experiência». Numa experiência verdadeira estão, portanto, necessariamente empenhadas «a autoconsciência e a capacidade crítica do homem».⁴⁰

É o que, de outra maneira, diz o profeta Isaías: «Quem dera que rasgasses os céus e descesses!», ou seja, se o imprevisível acontecesse, se Deus respondesse verdadeiramente à nossa espera, «derretendo os montes com a [Sua] presença».⁴¹ O sinal do cumprimento da promessa é o sobressalto, o choque provocado pelo acontecimento. Foi o que aconteceu a Isabel: assim que «ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio».⁴² É o mesmo sobressalto de João e André que, depois de embaterem em Jesus e de terem passado com Ele toda a tarde, dizem a toda a gente: «Encontrámos o Messias!». Foi o sobressalto que também experimentou Arzumendi: «Não estava à espera de encontrar nada disto na minha vida. Foi uma grande surpresa. Totalmente fora do normal [...]; pouco a pouco, entrei num estado emocional de admiração».⁴³ O sobressalto é o sinal do reacontecer deste acontecimento.

Portanto, eu posso reconhecer o divino presente em determinadas presenças, como Isabel reconheceu Jesus no seio de Maria, pela correspondência ao coração, à minha humanidade, que experimento no encontro com elas e que se manifesta no «sobressalto». E a verificação desse encontro está na sua capacidade de me introduzir à totalidade do real, de me fazer enfrentar cada situação, de desafiar qualquer circunstância. «[Cristo], com a sua vinda, trouxe consigo cada novidade, trouxe toda a novidade ao trazer-se a si mesmo»⁴⁴ – diz Santo Irineu –, trouxe a novidade de todas as coisas. Que experiência devem ter feito aqueles primeiros cristãos para chegarem a descrever Cristo deste modo!

Aconteceu e continua a acontecer. Aconteceu nos últimos meses ao gerente de um bar no coração da zona universitária, frequentado maioritariamente por estudantes.

«Nós, do CLU, somos dos poucos que continuam a ir à universidade nas pouquíssimas aulas presenciais. Todas as manhãs tomamos o café no mesmo bar e eu tornei-me amigo dos empregados. Sexta-feira de manhã, o meu primo foi o último a entrar e perguntou ao empregado, que trabalha naquele bar desde 1982, como é que as coisas iam, e ele respondeu-lhe: “Olha, o trabalho é pouco, mas por sorte estão cá vocês; eu sei que vocês são de CL, percebe-se logo, porque são como os de há trinta anos, ou seja, são os únicos que trazem uma lufada de ar à zona universitária”. Como é que é possível, perguntei-me, que ele tenha percebido que somos de CL e reconheça que é a mesma coisa de há trinta anos? Mas, sobretudo, como é que é possível que nós, entre os quais me incluo, sejamos definidos como sendo os únicos que trazem uma lufada de ar à zona universitária? A razão não se deve a uma qualquer capacidade nossa ou minha. Não, a questão é que eu tive um encontro que ficou gravado, que marcou permanentemente o meu coração, ao ponto de tornar diferente o meu modo de olhar para a mesma realidade de toda a gente: não é preciso, por isso, que eu faça coisas estrambéticas, basta simplesmente que eu seja eu mesmo. Cresceu assim em mim a consciência, a confiança de que, no fim, ou há Cristo ou *nada*, nada! E é assim porque na minha experiência aconteceram muitas coisas que se tornaram cada vez mais em “pazadas de cola” que me fizeram e me fazem ficar preso a esta companhia, tanto que digo: “Longe d’Ele, aonde iria?”. Eu vivo neste tempo e diante dos dados não estou desesperado, devido à experiência que faço: é um expandir-se da minha fé também sobre o

⁴⁰ L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, pp. 129-130.

⁴¹ Is 63,19.

⁴² Lc 1,41.

⁴³ «O abraço», transcrição da entrevista televisiva a Mikel Azurmendi, realizada por Fernando de Haro para o Meeting 2020, em J. Carrón, *Vês só aquilo que admiras*, op.cit., p. 10.

⁴⁴ «*Omnem novitatem attulit, semetipsum afferens*» (Santo Irineu, *Adversus Haereses*, IV, c. 34, n. 1. *Adversus haereses*, IV, c. 34, n.1: PG 7 pars prior, 1083).

futuro. A arma com a qual eu combato no meu dia a dia o desafio que a situação me apresenta é a confiança, a fé. Tendo esta certeza, sem fazer nada de especial, mas sendo eu mesmo, trago mais alguma coisa além de mim. Só agora vivo o presente com uma esperança».

Para o empregado do bar, foi fácil reconhecer uma diversidade naqueles jovens graças à lufada de ar que eles traziam à sua vida.